

Brasil refere-se a preconceito de orientação sexual

País propõe que a discriminação contra gays e lésbicas seja incluída no texto final

DURBAN – No grupo de trabalho que estuda a lista de vítimas de racismo e discriminação, o Brasil defendeu uma referência aos que possam ser discriminados por causa de sua orientação sexual. “Esse texto tem o mérito de deixar claro que um aspecto da realidade humana não deve nem pode mais ser negado”, argumentou o ministro Tadeu Valadares, diretor-geral do Departamento de Direitos Humanos e Temas Sociais do Itamaraty. Ele acrescentou que “indivíduos que são vítimas de racismo, xenofobia e diversas formas de intolerância, em muitos casos, podem também sofrer discriminação baseada em sua orientação sexual”.

O representante do Irã rejeitou a proposta, por alegações religiosas, mas o delegado do Vaticano, que também não aceita essa posição, manteve-se calado. O entusiasmo provocado entre militantes de ONGs pela argumentação do diplomata brasileiro foi tanto que a Síria pediu a retirada deles da sala de reunião. Os homossexuais organizaram uma festa para celebrar o avanço da proposta, mesmo que não venha a ser aprovada, na sede da Associação de Gays e Lésbicas de Durban.

Nas manifestações paralelas que todos os dias agitam a conferência, o destaque de ontem foram os ciganos. Vindos de vários países do mundo, eles desfilararam com cartazes que pediam o fim da violência e da discriminação. Embora sejam conhecidos com esse nome em países como Brasil, Espanha e Itália, eles não querem ser chamados de ciganos, mas sim de rom. “Cigano, gitano, zingaro e gipsy são expressões pejorativas”, disse o argentino Jorge Martin Bernal, um dos líderes do protesto. “Os ciganos são discriminados na América Latina, mas na Europa é pior, porque lá há racismo e perseguição.”

Há 50 milhões de ciganos no mundo, dos quais 800 mil estão no Brasil. (J.M.M.)